

In memoriam

O legado do pensamento filosófico de Leopoldo Zea para a América Latina: o latino-americanismo universal¹

Werner Altmann²

weral@brturbo.com.br

Resumo. Este artigo examina a vinculação da filosofia de Leopoldo Zea com a circunstância histórica que lhe tocou viver. O cotejo de sua produção com os fatos marcantes da História da América Latina, verificando as influências deles recebidas, se faz de acordo com três etapas fundamentais: a da História das Idéias na América Latina; a da Filosofia da História da América Latina e da Filosofia da Libertação Latino-Americana. O resultado a que se chega é o de que a trajetória de sua produção intelectual alcança o ápice com um discurso que busca a comunicação universal – e o reconhecimento mútuo – com base na solidariedade e a igualdade entre as diferentes identidades culturais. Assim, na medida em que a constatação da peculiaridade de nossa história aponta para a pluralidade cultural, como expressão da pluralidade da história, pode-se concluir no sentido da inserção igualitária do homem americano no destino universal. Desse modo, a libertação não antecede nenhuma vontade, ou vocação, para o estabelecimento de novo domínio, mas sim o inserir-se igualitário da cultura americana – de todas as culturas, em essência – no destino universal.

Palavras-chave: Leopoldo Zea, Filosofia da História, Filosofia latino-americana, História da América Latina, Latino-americanismo universal.

Abstract. This article examines the connection between Leopoldo Zea's philosophy and the historical circumstances in which he lived. The parallel between his production and determining facts of Latin American history, including the influences he received from them, is made according to three fundamental stages: the History of Ideas in Latin America; the Philosophy of the History of Latin America and Latin American Philosophy of Liberation. It concludes that the path of his intellectual production reaches the apex with a discourse that seeks universal communication – and mutual recognition – based on solidarity and equality between the different cultural identities. Thus, as the observation of peculiarities of our history points to cultural plurality, as an expression of the plurality of history, one may conclude that there is an equalitarian insertion of the American man/woman in the universal destiny. Consequently, liberation doesn't come before any will or vocation to the establishment of a new domination, but the equalitarian insertion of the American culture – of all cultures, in essence – in the universal destiny.

Key-words: Leopoldo Zea, Philosophy of history, Latin American philosophy, History of Latin America, Universal Latin Americanism.

¹ Trabalho apresentado no IX Congresso de la SOLAR: A Integração da Diversidade Racial e Cultural do Novo Mundo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, 25/112004.

² Doutor em História Econômica (USP) e professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS.

Consideramos que a filosofia de Leopoldo Zea é resultante direta da Revolução Mexicana e que sua origem está inserida na circunstância histórica do “sistema revolucionário tardio” (conforme Hans Werner Tobler) mexicano a partir da 3ª e 4ª décadas do século XX.

A vinculação de seu pensamento filosófico – de alguma maneira filosofia da circunstância histórica – com a circunstância histórica que lhe tocou viver, com o contexto histórico subjacente a cada etapa de sua produção intelectual ainda não foi estudada adequadamente. Nesse particular, faremos uma aproximação da trajetória do pensamento filosófico elaborado por Zea para se poder perceber sua especificidade, sua originalidade e seu legado para a América Latina.

O legado está exposto, basicamente, a partir de três etapas fundamentais da elaboração de seu pensamento:

- 1) A História das Idéias na América Latina
- 2) A Filosofia da História da América Latina
- 3) A Filosofia da Libertação Latino-Americana.

A primeira etapa, a da *História das Idéias na América Latina*, está determinada ou tem como pano de fundo: a Revolução Mexicana, que liquidou a vigência teórica do positivismo no México; a estruturação cardenista do Estado Nacional fechando o “sistema revolucionário tardio” na década de 1930; a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria.

Esta etapa inicia de forma imponente com seu clássico *El positivismo en México: nacionalismo, apogeo y decadencia* (1944). A História das Idéias mostrou a Zea que na América Latina se importaram idéias e projetos civilizatórios descolados das circunstâncias históricas reais, os quais se convertiam, por isso, em ineficazes teorias acadêmicas ou eram instrumentalizados por minorias ilustradas. Daí a necessidade, para Zea, da tomada de consciência histórica que conduza a assumir a realidade americana, isto é, a reapropriação do próprio passado, o que implica um reencontro com a História Americana. Essa é a razão dos CELAS (*Centros de Estudios Latino-Americanos*) por ele criados na Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM. O CELA da Facultad de Filosofía y Letras proporciona formação integral (Graduação, Mestrado e Doutorado) em estudos latino-americanos nas áreas de Filosofia, História e Literatura.

Esse é o caminho que o leva, então, àquilo que constitui a segunda etapa, a da *Filosofia da História da América Latina*. Essa segunda etapa de seu pensamento antecede e perpassa a Revolução Cubana e o estabelecimento das ditaduras militares na América do Sul. Vê-se, então, que Zea não se contenta em interpretar a realidade latino-americana. Seu projeto configura, também, sua radical transfor-

mação. A avaliação do passado é condição da possibilidade de um futuro próprio para a América Latina, chamando-nos a atenção para a imitação de modelos descompassados no tempo histórico, o que configura alienação colonizada. Por isso, sua interpretação é fundamentalmente anúncio de um futuro projetado em autenticidade, num sentido “além da marginalidade colonial e aquém da utopia irrealizável”, na feliz expressão de Raúl Fonet Betancourt.

Essa é a perspectiva que se abre em suas obras *América como conciencia* (1953) e *América en la historia* (1957) e que se aprofunda, depois, na elaboração explícita de uma filosofia do ser americano em *Dialéctica de la conciencia americana* (1976) e *Filosofia de la historia americana* (1978). Nestas obras o discurso de Zea sobre a realidade latino-americana alcança sua plena maturidade, constituindo-se em projeto crítico de denúncia radical das condições de dependência e da dominação que negaram a humanidade do homem americano. Tenha-se presente, entretanto, que tal denúncia não visa sua realização pela via do isolamento do negado, mas por um caminho ecumênico que implica a afirmação solidária da humanidade de todos os seres humanos. Mas não se desconsidere essa questão essencial: esse caminho ecumênico requer, como condição prévia, a reivindicação da humanidade daqueles povos aos quais o colonialismo europeu negou a palavra própria, isto é, sua humanidade diferente.

Com efeito, a trajetória de Zea para chegar a essa configuração de seu pensamento partiu da constatação inicial feita ao se defrontar com o traço negativo caracterizador do homem latino-americano: sua radical situação de dependência. A história da América é a história de um colonialismo violentamente imposto, diante do qual o homem americano sucumbiu por imposição ou, também, por aceitação, afundado num permanente servilismo imitativo, pretendendo realizar um ser que lhe é desconhecido. Emerge e permanece, então, um estado de alienação que foge da realidade porque esta realidade é dependência. Zea é, a propósito, na década de 1950, o primeiro pensador a utilizar o conceito de dependência para caracterizar a relação das sociedades latino-americanas com o mundo ocidental.

Por isso, falou da América como consciência de si mesma. Conhecendo-se e reconhecendo sua dependência, poderá iniciar o caminho de sua libertação dos modelos externos que a alienam, frustram e infelicitam. Com o fim dos entraves colonialistas, a história da América poderá ser vista, então, como uma permanente luta pela libertação. Nesse sentido, Zea jamais fez concessões ao colonialismo e suas múltiplas e constantes seqüelas. Jamais o justifica, e também não o conformismo colonizado.

A constante da obra de Zea é a realidade histórica da América Latina. O continente é o marco referencial de sua obra que se situa e se explica desde a própria América

Latina. A propósito, usou o termo “América Latina” ou “Latinoamérica”, desconsiderando o termo “Iberoamérica”, por exemplo. Zea não tem compromissos com a potência colonizadora. E nele é constante a preocupação por conseguir estabelecer um discurso libertador desde – e sobre – a América Latina. Por isso, para Zea, se a filosofia pretender ser autêntica, não pode olhar apenas para si mesma, isto é, reportar-se apenas a suas próprias teorias, mas, pelo contrário, necessita abrir-se à realidade, aceitar seu desafio e tratar de esclarecê-la para colocá-la em condições de sua transformação real. E é sintomático que as condições históricas que formaram tal posicionamento – ou o aparecimento de tal filosofia – tenham sido dadas pela Revolução Mexicana.

A terceira etapa, simultânea com a solidificação da Revolução Cubana e o refluxo das ditaduras militares na América do Sul, é a da elaboração de uma *Filosofia da Libertação Latino-Americana*. Esta linha está clara em *Dependencia y liberación en América Latina* (1974), *Latinoamérica Tercer Mundo* (1977) e *Discurso desde la marginación y la barbarie* (1988).

Considere-se que a passagem da segunda para a terceira etapa não ocorre de forma totalmente linear e delimitada, mas no âmbito dinâmico de um período de transição, o que exige algum tipo de critério para a colocação de certas obras em uma ou outra destas etapas. Na nossa ótica, poderíamos considerar *Dependencia y liberación en América Latina* (1974) e *Latinoamérica Tercer Mundo* (1977) na terceira e *Dialéctica de la conciencia americana* (1976) e *Filosofía de la historia americana* (1978) na segunda etapa.

Evidencia-se nessa terceira etapa que a ausência de concessão ao colonialismo não se constitui em óbice, na obra de Zea, para a conciliação da singularidade americana com a circunstância humana universal. Daí a insistência na afirmação da filosofia americana como filosofia plena, como filosofia “sin más”, na peculiar expressão mexicana e que dá título a uma de suas importantes obras: *La filosofía americana como filosofía sin más*, obra que traduzimos para o português com o título de *A filosofia americana como filosofia*. Isto equivale, obviamente, à afirmação correlata e subsequente de que o homem desta América é um homem “sin más”.

De outra parte, a identidade latino-americana não configura uma identidade estática, nem mesmo uniforme. É uma identidade histórica, que, por isso mesmo, abriga em si mesma a diversidade e a pluralidade, assim como estas, por sua vez, implicam a unidade. Pluralidade e unidade simultaneamente. Nossa diferença, nossa igualdade. Somos iguais porque somos diferentes, na observação de Zea.

Acrescente-se também que o filósofo não aceita compromissos com o embuste, explícito ou implícito, de considerar a cultura e a humanidade a partir de uma matriz única à

qual as demais devam submeter-se. Reclama para a América Latina e todas as culturas a liberdade e a igualdade, princípios que o Ocidente criou, mas tem se negado a reconhecer nos povos atingidos por seu colonialismo. Dessa maneira, a partir da constatação da peculiaridade de nossa história, apontou para a pluralidade cultural como expressão da pluralidade da história. E concluiu no sentido da inserção igualitária do homem americano no destino universal. Eis-nos, então, a rigor, diante da categoria histórica elaborada por Zea: a “mestiçagem” como condição de toda cultura universal concreta. Diga-se, ainda, nesse particular, que diante da acusação proveniente da Europa de que na América Latina haveria mestiçagem cultural, inexistindo, portanto, uma cultura propriamente dita, Zea retrucou apontando para a colossal “mestiçagem” na origem da cultura européia imposta pelo colonialismo ao continente americano.

Desse modo, a aceitação da ambivalência do pensamento que supõe esse ponto de vista faz com que o filósofo Zea defenda a necessidade da reconciliação com a própria história, isto é, a reapropriação de si mesmo na memória, como ponto de partida de toda libertação e como condição para salvar-se da irracionalidade, ou da absolutização do abstrato. Nesse sentido, seu pensamento é dialético. Coloca ênfase na concepção do latino-americano como resultante da “práxis” histórica. Suas formulações teóricas não fogem jamais do cotejo com a problemática da realidade.

Nessa terceira etapa, portanto, seu discurso se formula e articula desde “*la marginación y la barbarie*” e tem seu eixo central na alteridade latino-americana, isto é, em seu projeto de realização histórica como realidade diferente que reconhece o outro como outro para que este, por sua vez, escute sua palavra e a reconheça como palavra humana. Seu discurso busca a comunicação universal e o reconhecimento mútuo com base na solidariedade e a igualdade entre as diferentes identidades culturais. Assim, na medida em que a constatação da peculiaridade de nossa história aponta para a pluralidade cultural, como expressão da pluralidade da história, podemos concluir no sentido da inserção igualitária do homem americano no destino universal.

Nesses termos, portanto, a libertação não antecede nenhuma vontade, ou vocação, para o estabelecimento de novo domínio, mas sim o inserir-se igualitário da cultura americana – de todas as culturas, em essência – no destino universal.

Daí a categorização que julgo pertinente para a filosofia de Leopoldo Zea: o latino-americanismo universal.